

## **Análise do romance “Dom Casmurro”, de Machado de Assis: tópicos para serem trabalhados com estudantes de Ensino Médio**

Maiquel Röhrig<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este trabalho apresenta alguns aspectos do romance “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Os objetivos são reunir e explicar sinteticamente algumas das principais questões da obra, a fim de permitir que o professor tenha uma visão geral de alguns dos vários níveis e possibilidades de leitura. A metodologia consistiu na leitura atenta do romance, bem como pesquisa bibliográfica. Os resultados apresentados abordam a repetida questão da dúvida acerca do adultério de Capitu, desenvolvendo sua acusação e sua defesa, mas procuram explorar outras questões da obra, igualmente interessantes, como os nomes das personagens, a análise psicológica dos protagonistas, as referências intertextuais, a representação das estruturas sociais brasileiras.

**Palavras-chave:** Dom Casmurro. Machado de Assis. Intertextualidade.

### **Abstract**

This work presents some aspects of “Dom Casmurro”, by Machado de Assis. The goals are to gather and synthetically explain some of the main issues of the novel. The methodology consisted in the careful reading of the novel, as well as the bibliographical research. The results presented deal with the repeated question of the doubt about Capitu’s adultery, developing his accusation and his defense, but seek to explore other equally interesting questions of the novel, such as the names of the characters, the psychological analysis of the protagonists, intertextual references and the representation of Brazilian social structures.

**Keywords:** Dom Casmurro. Machado de Assis. Intertextuality.

## **1 Introdução**

O romance “Dom Casmurro” é uma obra incontornável. Discuti-lo no Ensino Médio pode ser difícil, mas não é possível deixar de fazê-lo. Contudo, quais aspectos podem ser abordados nas aulas de Literatura, considerando-se que a obra faça parte de um seminário para o qual a leitura do romance tenha sido solicitada aos alunos? Responder a esta pergunta é o objetivo do presente trabalho, no qual destacarei alguns dos inúmeros elementos da obra que podem ser trabalhados pelo professor.

Este artigo nasceu de minha experiência no Ensino Médio, Técnico e Tecnológico, mais precisamente, das aulas que ministrei no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *Campus* Bento Gonçalves, em turmas de segundo ano. Antes, eu já havia ministrado aulas

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RS – IFRS *Campus* Bento Gonçalves.

sobre “Dom Casmurro” no Ensino Médio, em escolas particulares. Também no IFRS – *Campus Bento Gonçalves*, tabalhei com a obra no Ensino Superior, em aulas do curso de Graduação em Licenciatura em Letras.

A metodologia das aulas que geraram as reflexões presentes neste trabalho consistiu no debate sobre o romance. Em treze anos como professor de Literatura, empreguei técnicas diferentes, mas todas envolviam o diálogo com os alunos. Costumo preocupar-me mais em fazer perguntas para estimular que eles pensem sobre a narrativa, do que dar respostas que limitem a interpretação.

Realizei desde o famoso julgamento de Capitu (prática que aprendi com uma colega professora) a análises teóricas de trechos da obra. Inclusive, esta questão fundamental norteou tudo o que fiz e continuo fazendo em minhas aulas: o importante é que a aula seja sobre o texto, a partir do texto e para que a compreensão do texto seja ampliada. Desse modo, sempre procurei orientar os alunos no sentido de que, independentemente de suas opiniões e comentários acerca da obra, tudo o que dissessem deveria estar respaldado por elementos do romance, fosse pelo que estava explícito, fosse pelo que se pode interpretar do que está implícito.

As questões que orientam o presente trabalho são as seguintes: O que há no livro que o professor deve destacar? O que não pode deixar de ser dito? Como fazer os alunos enxergarem para além da tediosa discussão em torno da hipótese de Capitu ter traído, ou não, o narrador? Quais são os argumentos que sustentam algumas das diferentes interpretações da obra?

A seguir, tentarei analisar aspectos da forma e do conteúdo do romance “Dom Casmurro”, destacando capítulos, trechos, personagens, estratégias narrativas e figuras de estilo. Cumpre observar que, em se tratando de um dos romances mais complexos já escritos na literatura brasileira, é impossível dar conta de sua totalidade, pois, de todas as suas características, a mais importante que devemos mostrar aos alunos é justamente sua polissemia.

O presente texto está dividido em dois grandes blocos: no primeiro, disserto sobre a questão que sempre chama a maior atenção dos leitores, isto é, o mistério da traição. Neste, elaboro argumentos, com base na narrativa, que incriminam Capitu, e, por outro lado, alguns daqueles que a inocentam. No segundo bloco, teço considerações acerca de

outras questões do livro, como a personalidade de D. Glória, a ambiguidade de José Dias, bem como temas polêmicos, como a relação da obra com o complexo de Édipo e a possível homossexualidade de Bentinho.

## **2 Respondendo à pergunta que todos fazem: traiu ou não traiu?**

Todos que leem “Dom Casmurro” pela primeira vez ficam presos a esta pergunta: afinal, Capitu traiu Bentinho ou suas acusações provêm de seu ciúme doentio? Ater-se somente a esta questão empobrece o romance, que contém muitos outros elementos interessantes. No entanto, é inevitável que essa seja a maior ocupação nas aulas de Ensino Médio, pois se trata de questão muito atraente, sobretudo para os adolescentes.

Costumo lançar algumas provocações relativas ao tema: Por que o narrador sente necessidade de contar sua história para nós? Por que tentar nos convencer de que foi traído? E por que, mais precisamente, ele se concentra tanto em sua relação com Capitu? Notem-se os lapsos temporais de sua vida: nada sabemos antes dos seus quinze anos; nada sabemos de seu tempo na universidade; nada sabemos entre a morte de seu filho e o momento em que começa a escrever. É claro que suas experiências com Capitu foram as mais importantes, mas por que confessar que foi traído? Pergunto aos meus alunos: se você tivesse sido traído ou traída, publicaria o fato? Por que revelar algo tão íntimo? E, se atualmente ser traído é visto como uma vergonha, por que um homem do século XIX resolve contar que foi traído pela mulher?

As provocações acima conduzem a uma reflexão inicial sobre os motivos da narrativa e começam a traçar o perfil do narrador. Dom Casmurro é um advogado e conduz a história como uma acusação. O romance, portanto, não é sobre a dúvida do narrador em relação à traição, pois ele tem certeza; a dúvida quem tem somos nós, pois não podemos confiar no narrador. Mas por que não podemos confiar nele? Na verdade, ele se esforça na direção contrária, tentando se mostrar como um homem culto, ponderado, com pleno equilíbrio emocional. Porém não é isso que percebemos ao julgar suas ações. Afinal, como confiar em um homem que manda construir uma casa idêntica àquela em que morou na infância, incluindo a reprodução de quadros e esculturas de seu interior? Como confiar em um homem que pensou em envenenar o próprio filho? E que, antes disso, abandonara a esposa

e o filho na Europa? Como confiar em um homem que tem ciúmes do mar, conforme nos informa no capítulo CVII? Veja-se que, além do fato de nunca podermos confiar plenamente no relato de uma pessoa, uma vez que sempre contamos do mundo aquilo que nos convém (e no caso de Bento sua narrativa evoca cenas muito distantes no passado), a desconfiança em relação a este narrador tem muitos agravantes.

Contudo, há argumentos para nos mostrar que, se é verdade que não podemos acreditar em Bento Santiago, também é verdade que podemos desconfiar de Capitu.

As duas famílias eram, a princípio, apenas vizinhas. Suas relações estreitaram-se após uma enchente, devido a qual os pais de Capitu tiveram grandes perdas em sua casa, e foram auxiliados pela família Santiago de Albuquerque<sup>2</sup>. Sob este ponto de vista, algum aluno poderia argumentar que a diferença social entre as duas famílias poderia ter levado Capitu a aproximar-se de Bento motivada por interesses financeiros. Contudo, como todas as teses que se pode levantar no livro, há, para esta, também uma antítese: Capitu não queria que Bento lhe comprasse joias, permanece humilde e empenha-se em economizar parte do dinheiro que o marido lhe dá para as despesas da casa, juntando dez libras esterlinas<sup>3</sup>. É claro que, para isso, pede ajuda a Escobar, às escondidas. E, quando o marido descobre, confirma-o sorrindo, e não sabemos se seu sorriso é porque não havia nisso nenhuma malícia, se era um sorriso dissimulado de Capitu, ou se não passa de uma impressão de Bento.

Capitu é, conforme o narrador, uma mulher muito sagaz, com rara inteligência e rapidez de raciocínio. Essa característica é utilizada por ele como indicativo de sua personalidade dissimulada, e como prova de sua traição. Vemos isso na cena em que narra seu primeiro ciúme, surgido após ouvir de José Dias que Capitu conversara com um homem montado num cavalo. Bentinho destempera-se e vai tirar satisfações com Capitu, momento em que esta, controlando-se como sempre fazia, diz que o cavaleiro iria se casar, informação que, porém, contradiz o que dissera imediatamente antes: que não sabia nada sobre ele<sup>4</sup>. Vejamos a cena:

Confessou-me que **não conhecia o rapaz**, senão como os outros que ali passavam às tardes, a cavalo ou a pé. Se olhara para ele, era prova exatamente de não haver nada entre ambos; se houvesse, era natural dissimular.

<sup>2</sup> Ver Capítulo III.

<sup>3</sup> Ver Capítulos CV e CVI.

<sup>4</sup> Ver Capítulo LXXVI.

— E que poderia haver, se **ele vai casar?** concluiu. (ASSIS, 2017, p. 161, grifos meus)

Se ela não o conhecesse, não poderia saber que ele iria casar. Ou, talvez o tenha dito apenas para aplacar o ciúme de Bento, que o pusera abatido e o fizera encerrar-se no quarto.

Mais tarde, Bento tentará nos convencer de que seu filho parece-se mais com o amigo Escobar do que consigo. É possível argumentar, com simplicidade, que Bento pode estar iludido; cego de ciúmes, enxerga semelhanças que não existem. Ou podemos apelar para algo do próprio texto que enfraquece o argumento de Bento: a semelhança física entre a esposa de Gurgel, mãe de Sancha, e Capitu, o que aparece no capítulo LXXXIII. Bento lembra disso também no capítulo CXL, após brigar com Capitu e revelar o motivo de seu ciúme. No entanto, cumpre destacar que Capitu é quem repara na expressão esquisita dos olhos do filho e os compara aos de Escobar, como vemos no capítulo CXII. Por que ela faria isso? Será que é uma indicação de que ela é inocente e não via malícia na comparação? Ou será que é uma artimanha dela, isto é, fala da semelhança a fim de parecer que é inocente, pois não teria nada a temer da estranha coincidência?

Podemos ir ainda além e pensar a semelhança sob outro ponto de vista: Bento gosta das coisas do passado, e nisso o jovem Ezequiel parece consigo, posto que se torna arqueólogo. Nas palavras do próprio narrador, no capítulo CXLV: “Se fosse vivo José Dias, acharia no rapaz a sua própria pessoa” (ASSIS, 2017, p. 243), isto é, José Dias acharia que Ezequiel era o próprio Bento. Portanto, se não se parecem fisicamente, parecem-se, por outro lado, em seus gostos, embora suas personalidades sejam diferentes. Ezequiel, com seis anos de idade, olha um gato comendo um rato. Escobar não vê nisso nada de anormal, mas Bento afugenta o gato porque não queria ver. Bento não gostava dessas coisas, inclusive desistira de matar cães que não deixavam Capitu dormir. Conforme seu pensamento, Ezequiel os teria matado a pedradas ou pauladas. Nesse ponto, observe-se que a própria Capitu reconhece a diferença: “Não sai a nós, que gostamos de paz”. Se ela o tivesse traído, diria isso? Essa fala não é de uma mulher sem motivos para temer?

Na mesma linha de raciocínio, Bento nos conta das imitações do filho, as quais, em determinado momento, incomodam o casal. Contudo, Bento também imitava os outros

quando era menino, e continua fazendo-o depois de adulto<sup>5</sup>.

Mas, afinal, por que Capitu teria traído Bento? Faltava-lhe alguma coisa? O que é que lhe faltava? Ela era uma mulher impudica? Ela não amava Bento? Ou, talvez, incomodava-a, como incomodava o próprio Bento, o fato de não estarem conseguindo ter um filho?

Outro momento que parece provar a culpa de Capitu é o velório de Escobar, mais precisamente o momento em que Capitu não consegue segurar as lágrimas e, na visão de Bento, as derrama com o mesmo sofrimento da viúva. Casualidade ou não, é curioso que após o enterro Sancha recusa a companhia de Capitu e também não quer passar dias na casa desta. Mas, também é curioso que o incidente seja o início do ciúme de Bento em relação a Escobar. A morte de Escobar, note-se, ocorre no dia seguinte ao desejo de Bento por Sancha<sup>6</sup>. Nesse ínterim, podemos suspeitar que, porque Bento quisera trair, achou-se traído.

Além de Sancha, também se afasta de Capitu a mãe de Bento. Capitu justifica o distanciamento de D. Glória dizendo que se trata de ciúme de sogra, o que pode ser verdade. Mas, igualmente podemos supor que D. Glória desconfia que Capitu não seja uma mulher tão prendada e honesta como supusera antes do casamento. Será que D. Glória desconfiou de algo antes do filho?

Ezequiel na Bíblia é o “filho do homem”, conforme se lê no capítulo CXVI e se pode confirmar na *Bíblia*, no livro de Ezequiel, capítulo 1, versículo 2. José Dias o trata assim, chama-o de “filho do homem”, e Capitu fica irritada. Por que se irritou? Talvez por que se poderia perguntar de que homem Ezequiel é filho, como de fato Bento passa a fazer.

Quando Bento finalmente confronta Capitu e diz que Ezequiel é filho de Escobar, a surpresa que ela demonstra poderia ser sinal de sua inocência, mas, para Bento, deve ser dissimulação. Dessa cena, não podemos concluir nada. Na sequência, Bento afirma que Capitu se mostrara confusa ao olhar para a fotografia de Escobar, e esta é a sua tentativa de incriminá-la, sugerindo que ela fica desconcertada com a semelhança entre o filho e o

<sup>5</sup> Ver Capítulos XIII, (p. 67): (Quando as bonecas de Capitu adoeciam, o médico era eu. Entrava no quintal dela com um pau debaixo do braço, para imitar o bengalão do doutor João da Costa; tomava o pulso à doente, e pedia-lhe que mostrasse a língua. “É surda, coitada!”, exclamava Capitu. Então eu coçava o queixo, como o doutor, e acabava mandando aplicar-lhe umas sanguessugas ou dar-lhe um vomitório: era a terapêutica habitual do médico.”; CXXXVI (p. 233): “e, para em tudo imitá-lo, estirei-me no canapé.”

<sup>6</sup> Ver Capítulo CXVIII.

amigo.

Depois disso, ocorre a separação. Anos depois, Bento recebe a visita do filho, já um adolescente, quase um homem. Entre outras coisas, Ezequiel conta que Capitu louvava o pai. Mas se estivesse ressentida por uma injustiça, não agiria diferente, pelo menos reservando-se o direito ao silêncio sobre o marido? Ou teriam os dois combinado que o filho diria isso para atenuar as mágoas de Bento?

Não há como resolver a questão. Mas é por isso que o romance é tão sedutor. Promover o debate a respeito da traição e, até, realizar o julgamento de Capitu, são momentos importantes, que podem marcar positivamente a experiência de leitura dos alunos.

### 3 As três faces do narrador

O narrador do livro é Dom Casmurro, mas é importante notar que, enquanto personagem, ele possui três momentos distintos: Bentinho (entre 15 e 17 anos), Bento Santiago (dos 22 até pouco depois de 40 anos), e Dom Casmurro (depois dos 50). Cada um destes personagens possui diferenças, e é importante notar as modificações que o personagem sofreu ao longo do tempo de vida que nos conta. Começemos pelo adolescente.

Bentinho é um menino ingênuo, “tinha orgias de latim e era virgem de mulheres” (ASSIS, 2017, p. 69). Vive cercado pelos familiares ou na companhia de Capitu. Ele nunca fica sozinho. Sua inocência é tanta que ele sequer sabia de seus próprios sentimentos em relação a Capitu, sendo necessário que ouvisse a “denúncia” de José Dias para perceber que gostava dela.

Bento Santiago nos aparece subitamente. A narrativa alonga-se na adolescência do personagem, posto que é esta a fase de maiores descobertas. No capítulo XCIX, Bento nos é apresentado voltando da faculdade, formado, aos 22 anos. Trata-se agora de um homem sério, advogado, permanecendo semelhante ao adolescente que ele fora pela timidez e pelas fantasias: enquanto desfaz as malas, no capítulo C, ouve uma fada dizer “Tu serás feliz, Bentinho”. Acreditando que de fato fora uma fada que o dissera, pergunta a José Dias se ele também ouvira (ASSIS, 2017, p. 190-191). Tímido, não consegue trabalhos, precisando, no início da carreira, da ajuda do amigo Escobar. Casa-se com Capitu e intensifica sua vida

social. Depois, enciumado dos homens que olham para Capitu nas festas, limita-se a visitar o amigo Escobar e Sancha.

Dom Casmurro é um cinquentão solitário. Tem poucos e efêmeros amigos. Continua rico, mas algo o incomoda, e percebe que precisa escrever sua história para conseguir “atar as duas pontas da vida”. Permanece tímido, e fantasioso. Veja-se que ele começa a escrever o livro porque pensou ter ouvido esta sugestão das imagens que há em sua casa: “Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns” (ASSIS, 2017, p. 51). Note-se que os bustos são de Nero, Augusto César, Júlio César e Massinissa, quatro figuras ligadas à temática da traição, ou melhor, que se sentiram traídos, e cujas vidas foram desgraçadas por este sentimento.

#### 4 Dona Glória

Dona Glória nos aparece com três características fundamentais: religiosa, fiel ao marido e superprotetora. No entanto, penso que pode ser interessante questionar os alunos acerca da possível problematização dessas características. Vejamos:

Religiosa: há três fatores a se considerar. Primeiro, o fato de que Dona Glória não parece frequentar assiduamente as missas. Em segundo lugar, ela aceita subverter sua promessa, colocando outra pessoa no seminário, no lugar de Bentinho. Nesse sentido, ela, de certa forma, não paga a Deus aquilo que lhe devia. Mas, o que há de mais oculto nessa questão é o tempo da promessa. Penso que é importante fazer com que os alunos reflitam sobre o caso, nestes termos: Dona Glória, após ter perdido um filho, afirma ter prometido que, em caso de o segundo vingar, e sendo este um menino, o daria a Deus, colocando-o no seminário. Trata-se, portanto, de uma promessa que compromete inteiramente o futuro da criança. O que seu marido pensaria se soubesse que seu herdeiro não poderia herdar sua fortuna, tampouco dar continuidade a seu nome, posto que um padre não poderia ter filhos? O curioso é que Dona Glória, tão religiosa e tão fiel, não contou ao marido. Além disso, ela só revela a promessa após a morte deste. Por quê? Será que ela temia a reação do marido? Ou será que a promessa realmente existiu, ou talvez Dona Glória tenha formulado a promessa por ver-se na iminência de ficar sozinha? Após a morte do marido, ela poderia

desejar um filho padre, para que este não contraísse matrimônio e, por isso, a abandonasse. A hipótese, se parecer estranha, justifica-se se imaginamos a cena: quem esconderia de todos uma promessa que determina o futuro de um menino, não lhe dando qualquer chance de escolher onde estudar, em que trabalhar e o que fazer de sua vida, de sua sexualidade etc.?

#### 4 José Dias

José Dias é um personagem mais complexo do que pode parecer à primeira vista. Gostaria de explorar, a respeito dele, sua falsa formação médica, sua condição de agregado, os motivos da “denúncia” contra Bentinho e Capitu, sua relação com Bento.

A falsa formação médica em homeopatia permite a aproximação de José Dias à família Santiago. Após curar alguns escravos, recebe a proposta do pai de Bentinho para que permaneça na fazenda. A princípio, José Dias recusa, mas retorna pouco tempo depois. Diante de novos casos de enfermidade, revela não ser capaz de curá-los, mas, mesmo assim, o pai de Bento permite que ele continue vivendo como agregado da família, devido ao fato de conseguir “fazer-se necessário”<sup>7</sup>, bem como, pelo que podemos interpretar, pela maneira servil com que se comportava, gabando as virtudes de todos, concordando com o que diziam e jamais entrando em quaisquer discussões. O curioso nisso tudo seria perguntar por que ninguém jamais o mandou embora, sobretudo após a morte do pai de Bento. Sobre isso, suponho que seja interessante enfatizar a cena em que, após a missa de sétimo dia do finado, José Dias comunica a Dona Glória que irá embora. Ela, contudo, diz apenas: “Fique, José Dias”, ao que ele responde: “Obedeço, minha senhora” (ASSIS, 2017, p. 56). Peço que meus alunos imaginem o que isso significaria na vida deles: morre o pai, e a mãe mantém um amigo do pai na casa, vivendo com a família. Pergunto a eles o que se pensariam sobre isso, e as respostas costumam incitar boas reflexões, que conduzem à questão da denúncia feita por José Dias sobre Capitu: qual interesse ele tinha em que Bento fosse para o seminário? Costumo provocar os alunos perguntando o seguinte: Será que ele desejava que Bentinho fosse embora para ter um obstáculo a menos, no que pretendo sugerir que seu interesse fosse ficar com Dona Glória?

<sup>7</sup> Ver Capítulo V.

Sobre esse último ponto, notemos outra circunstância: José Dias está presente em todos os momentos mais importantes da vida de Bentinho, a saber: 1- é ele quem faz o menino perceber-se apaixonado; 2- ele o leva ao seminário e vai visitá-lo, sendo aquele quem lhe faz ter, pela primeira vez, ciúme; 3- ele o acompanhava no dia em que Bento vê uma senhora cair e, ao divisar as meias que ela calçava, desperta para a sexualidade<sup>8</sup>; 4- é José Dias quem o recebe quando Bento retorna para casa, formado em Direito; 5- José Dias é o único da família que visita Bento e Capitu na lua de mel do casal. De tudo isso, penso que é produtivo pensar no fato de que José Dias foi, para Bento, uma espécie de figura paterna, o que pode gerar interessantes discussões com os alunos, e suscitar perguntas acerca da relação de José Dias com Dona Glória e, por extensão, justificar as implicâncias do tio Cosme e de prima Justina em relação ao agregado.

## 6 Capitu

A amizade entre Capitu e Bento inicia-se inscrita num drama familiar: uma enchente fizera a família de Capitu perder muitos de seus bens. Esse fato costuma passar despercebido pelos alunos, mas deve ser notado, sobretudo por motivar especulações acerca do possível interesse financeiro do pai e da mãe de Capitu no relacionamento dos dois. A personalidade de Capitu, contudo, não condiz com a de uma mulher, digamos, interesseira, posto que Bento refere-se a episódios que demonstram que Capitu é econômica, como o capítulo CVI, “Dez libras esterlinas”.

A imagem que temos de Capitu nos é apresentada pelo narrador, mas este tenta nos mostrar que não somente por ele. Note-se que a primeira impressão que temos da menina decorre das palavras que José Dias teria pronunciado, segundo as quais Capitu tinha olhos de “cigana oblíqua e dissimulada”<sup>9</sup>. Vale notar que essa imagem é posteriormente corrigida por Bento, que lhe atribui a característica de “olhos de ressaca”<sup>10</sup>, o que não nos deixa esquecer que o que sabemos dela são impressões subjetivas.

Não podemos esquecer, ainda, a inscrição no muro. Capitu escrevera “Bento e

<sup>8</sup> Ver Capítulo LVIII.

<sup>9</sup> Ver Capítulo XXV.

<sup>10</sup> Ver Capítulo XXXII.

Capitolina”<sup>11</sup> com um prego, riscando o reboco. Ao perceber a aproximação de Bento, riscou os nomes e tentou evitar que ele visse. Mas não é curioso que ela tenha usado um prego para riscar o reboco, se, na verdade, não queria que Bento visse a inscrição? Se seu objetivo era manter seu amor em sigilo, não teria ela escolhido outra ferramenta e local, por exemplo, graveto e terra, ou giz no mesmo muro?

Capitu vestia-se de modo muito humilde, tendo, conforme o narrador, dado ela mesma alguns pontos em seus sapatos<sup>12</sup>. Seu vestido é evidência da condição financeira precária da família. Após casar-se com Bento, Capitu não esbanja dinheiro. Deseja, no entanto, ser vista. Veja-se o que nos diz o narrador a respeito do fato de a esposa querer interromper a lua de mel:

A alegria com que pôs o seu chapéu de casada, e o ar de casada com que me deu a mão para entrar e sair do carro, e o braço para andar na rua, tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também. (ASSIS, 2017, p. 194)

A obsessão de Bento por seus olhos assume um simbolismo bastante peculiar quando ele substitui a definição de José Dias por uma própria: “olhos de ressaca”. Quanto a isso, um elemento que pode gerar boas discussões com os alunos gira em torno da morte de Escobar: ele morreu em um dia de ressaca, e é o olhar de ressaca que Capitu dirige ao corpo, durante o velório, que desencadeia uma das crises de ciúme mais agudas de Bento. Aqui é interessante notar algo que diz respeito à construção da história pelo autor: tudo o que sabemos é intermediado pelo narrador, mas foi o autor quem escolheu o tipo de morte que Escobar teria. Então, por que o autor decidiu que esse personagem morreria afogado em um dia de ressaca? Mais importante do que responder perguntas para os alunos é fazê-las e instigá-los a criar suas próprias questões sobre elementos do romance.

## 7 Pádua e Fortunata

Pouco sabemos sobre a mãe de Capitu, exceto o curioso fato de que ela finge não

<sup>11</sup> Ver Capítulo XIV.

<sup>12</sup> “Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.” (ASSIS, 2017, p. 68)

perceber o namorico da filha com Bento, tal como faz, também, seu marido. Sobre este, há mais elementos. Em primeiro lugar, o narrador revela uma espécie de disputa entre Pádua e José Dias, a qual se torna franca no capítulo XXX, quando os dois competem por uma das varas do pátio, isto é, um local de destaque em uma procissão que levava o Santíssimo Sacramento a um moribundo. Como se vê, brigam por nada.

Pádua criava passarinhos e possuía uma personalidade modesta. É curioso pedir que os alunos imaginem a cena em que Pádua vai despedir-se de Bentinho e recebe do menino um cacho de seus cabelos, no capítulo LII. Costumo ler o texto em voz alta para a turma e pedir que imaginem um vizinho vindo à casa de cada um deles para despedir-se, por exemplo, no caso de eles irem a outra cidade fazer faculdade. Quem deles entregaria uma mecha de seus cabelos, e, mais do que isso, que tipo de vizinho ficaria feliz com um presente desses? Essa cena, penso eu, permite compreendermos melhor a personalidade submissa e frágil de Pádua.

Pádua teve um momento de alegria em sua vida, quando se tornou “administrador interino”<sup>13</sup>. O cargo, provisório conforme lhe foi avisado desde o início, de fato foi reposto a seu titular, momento a partir do qual Pádua entrou em profunda depressão. Incapaz de suportar o retorno à vida a que o salário inferior o obrigava, pensou em se suicidar, porque se sentia humilhado em ter de exigir da esposa economias.

## 8 Tio Cosme e Prima Justina

Tio Cosme é visto pelo narrador como um homem medíocre<sup>14</sup>, um advogado sem ambições que, após enviuvar, manteve-se praticamente alheio à vida, acomodando-se a uma existência sem aventuras, sem alegrias nem frustrações. Seu divertimento consiste em partidas de gamão; seu trabalho, em casos sem importância num escritório de advocacia. Curiosamente, Bento forma-se em Direito, e, de certo modo, também atua de modo bastante medíocre nesta profissão

Prima Justina, por sua vez, reclama de tudo. Chama a atenção o fato de estes dois personagens comporem o trio dos viúvos, junto com Dona Glória, e, mais importante, serem apresentados, pelo narrador, quase como caricaturas, isto é, personagens com caracteres

<sup>13</sup> Ver Capítulo XVI.

<sup>14</sup> “Era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os olhos dorminhocos.” (ASSSI, 2017, p. 57)

exagerados e sem grande densidade psicológica. Perceber essa diferença no tratamento das personagens é interessante para fazer os alunos notarem o processo de construção do romance, e o peso que cada personagem tem na vida do narrador.

### **9 Facetas do Complexo de Édipo**

Tratar com os alunos sobre o Complexo de Édipo exige, naturalmente, informações adicionais. Em primeiro lugar, é importante contar a peça teatral de Sófocles, resumi-la oralmente, ler trechos ou pedir que a turma pesquise. Em seguida, explicar a interpretação de Freud, o qual associou o conteúdo da peça a uma característica humana. Os adolescentes não costumam aceitar que passaram pelo Complexo de Édipo, mas isso não importa, basta que eles entendam o conceito e, mesmo que eles imaginem que somente algumas pessoas, “psicologicamente doentes” sofrem desse “mal”, já é um começo para entenderem como a questão se relaciona com elementos do romance de Machado de Assis.

Dona Glória é uma espécie de Jocasta. Como vimos, Dona Glória ficou traumatizada com a perda de um filho e (talvez) prometeu que, se o próximo vingasse, e fosse um menino, o faria padre. Percebe-se que ela não deseja que o filho se case, descartando, portanto, que ele fique com outra mulher. Independentemente de a promessa ter sido realmente feita antes da concepção, ou ter sido inventada após a morte do marido, Dona Glória demonstra que deseja o filho só para si, permitindo que associemos o seu comportamento ao “Complexo de Jocasta”, isto é, a mãe que não consegue separar-se do filho, na esteira das reflexões de Freud.

Por que Bento é uma espécie de Édipo: A ideia não é sugerir que Bentinho sinta desejo de se relacionar, de fato, com a mãe. Pretendo que os alunos reflitam sobre o fato de ele ter perdido o pai aos quatro anos de idade, mais ou menos o momento em que, segundo Freud, o Complexo de Édipo pode surgir nos meninos. A perda do pai talvez explique a insegurança de Bentinho, bem como o fato de ele, aos poucos, parecer substituir a figura paterna cercado-se de homens com diferentes perfis: veja-se o caso de José Dias, por exemplo, sem esquecer a importância relativa de outras figuras masculinas, como o tio Cosme e o próprio Escobar. Um episódio sugestivo acerca do Complexo de Édipo em Bento ocorre no capítulo XCVIII, quando Bento afirma que prima Justina teria dito que Escobar

“afagara a ideia de convidar” Dona Glória “a segundas núpcias” (ASSIS, 2017, p. 189). Talvez isso signifique uma projeção do desejo do próprio Bento. Além disso, mencione-se o fato de Bento ser um filho muito mimado, e que ele não deseja ficar longe da mãe nem mesmo após casar-se com Capitu, fato que talvez também tenha contribuído para que Bento mandasse construir uma casa igual àquela em que morara com a mãe.

## 9 Intertextualidade com a Bíblia e com Shakespeare

Um dos recursos literários mais utilizados por Machado de Assis, e que costuma render boas possibilidades de trabalhos em sala de aula, é a intertextualidade. Costumo pedir para os alunos pesquisarem a respeito da peça “Otelo”, de Shakespeare, bem como para localizarem o contexto de algumas citações bíblicas.

A peça “Otelo”, de Shakespeare, é inclusive assistida por Bento, conforme somos informados no capítulo CXXXV. Neste, Bento inclusive compara diretamente sua esposa com Desdêmona, e a considera mais merecedora de uma morte trágica do que a personagem da peça. No entanto, é interessante reparar, e fazer com que os alunos atentem muito para isso, que Desdêmona, como Bento menciona, era inocente, tendo sido vítima da maledicência de Iago. Veja-se, neste aspecto, a genialidade de Machado de Assis na composição do nome de seu protagonista, como notou Helen Caldwell, em seu livro “O Otelo brasileiro de Machado de Assis”: Bento Sant-Iago (mostre para os alunos que o nome é composto de dois elementos “divinos” – Bento, como particípio do verbo benzer, e “sant”, como radical da palavra “santo” – e um que pode ser associado ao “diabólico”, posto que se refere a um dos personagens mais sórdidos criados por Shakespeare: Iago).

## 11 Escobar e a questão da homossexualidade

A interpretação de que Bento possui uma atração de caráter sexual por seu amigo Escobar foi lançada por Millôr Fernandes. A ideia pode parecer inicialmente forçada considerando a época em que o romance foi escrito, mas essa oposição não refuta nada, posto que a homossexualidade é uma característica humana, e não histórica. É pertinente, contudo, considerar que essa problemática não foi abordada por Machado em outras obras,

nem romances nem contos, o que, por outro lado, aconteceu em importantes romances naturalistas contemporâneos à publicação de Dom Casmurro, como “O Bom-Crioulo”, por exemplo. Penso que, ressalvadas objeções extratextuais, seja interessante reler com o alunos, e discutir, alguns trechos que justificam a interpretação de Millôr, e que podem gerar a reflexão dos alunos para que eles tirem suas próprias considerações. Vejamos os três que penso ser produtivos:

- quando conhece Escobar no seminário (capítulo LVI), momento em que Bento descreve Escobar de um modo “suspeito”;

- o abraço no seminário (capítulo XCIV), em que um padre os repreende por se abraçarem de um modo muito caloroso;

- a foto de Escobar no escritório de Bento: pergunte aos alunos qual deles tem um retrato de amigo emoldurado, e, mais do que isso, colocado em um espaço onde pode ser visualizado todos os dias, e sempre à vista.

Antecipando uma possível refutação dos alunos que, na verdade, funciona mais como uma confirmação: as prostitutas que frequentam a casa de Bento<sup>15</sup>. Eu costumo perguntar para os alunos se um homem na posição de Bento teria o hábito de receber em sua casa mulheres nessa condição, e os questiono se o fato de ele referir-se a isso não é uma maneira de tentar nos convencer e, mais do que isso, tentar convencer a si mesmo de que ele é heterossexual, afastando o grande drama de sua vida, ou seja, o drama de ter se apaixonado por Escobar, um homem que, conforme Bento nos diz, talvez tivesse traído a esposa com uma atriz de teatro, o que também pode ter, pensando na atração de Bento por Escobar, o deixado com ciúmes.

## 12 Considerações finais

O romance “Dom Casmurro” é uma obra de leitura obrigatória no Ensino Médio. A partir da narrativa criada por Machado de Assis, é possível refletir sobre diversos aspectos, de cunho literário, histórico, filosófico, social etc. Além disso, trata-se de um romance imprescindível para a realização de provas de vestibular, o que, no caso dos alunos de

---

<sup>15</sup> Ver capítulos II e, sobretudo, CXLVII: (Vivi o melhor que pude sem me faltarem amigas que me consolassem da primeira. Caprichos de pouca dura, é verdade” (ASSIS, 2017, p. 245).

Ensino Médio, costuma facilitar a tarefa do professor em exigir que todos leiam o livro.

No entanto, ao longo de minha carreira, percebi que, mesmo quando conseguia fazer com que os alunos lessem o romance, e mesmo quando os trabalhos baseados na obra eram satisfatórios, parecia faltar-me uma sistematização contendo algumas das possibilidades de leitura suscitadas pelo romance.

O principal objetivo era reunir elementos que podem ser discutidos em sala de aula, a fim de contribuir com a leitura dos alunos. Ler uma obra complexa como “Dom Casmurro” exige a capacidade de dialogar, porque é por meio do diálogo que percebemos a riqueza do texto, com suas muitas nuances e lacunas que permitem a participação dos leitores.

O presente artigo iniciou-se com as três faces do narrador e a questão do ciúme de Bento. Tentei evidenciar as características de Bentinho, de Bento Santiago e de Dom Casmurro, demonstrando por que se trata de três personagens distintas, ligadas, no entanto, por algumas características fundamentais, como a inclinação às fantasias, dentro das quais afloram os ciúmes. Nesse sentido, procurei arrolar, por um lado, dados oferecidos pelo narrador para acusar Capitu e, por outro lado, mostrar como o próprio narrador nos oferece elementos para a julgarmos inocente.

Para além das especificidades do narrador e de seus ciúmes, analisei alguns pormenores dos principais personagens da história, enfocando elementos da construção de suas personalidades. Destaquei o caso de Dona Glória e das dúvidas acerca da legitimidade da promessa de fazer com que seu filho se tornasse padre. Essa questão foi articulada ao Complexo de Édipo e seus desdobramentos, como, em especial, o Complexo de Jocasta, a partir do qual se poderia supor que a promessa foi uma invenção de Dona Glória, criada com o intuito de manter o filho consigo, por impedir que se casasse.

Outros personagens tiveram seu perfil analisado, como José Dias, o qual funciona como o pai que Bentinho não teve. O agregado está presente nos principais momentos da vida de Bento, e é ele quem, de certa forma, revela a Bento seu amor por Capitu, bem como contribui com suas escolhas, entre elas, suas opções profissionais.

Insisti, ao longo do texto, na ideia de que o professor deve propor interpretações, sem jamais esquecer de que a narrativa abre-se a outras possibilidades. Uma interpretação polêmica, mas possível, diz respeito à homossexualidade de Bento. Nesse sentido, tentei estimular os professores a provocarem os alunos, a fim de que pensem sobre a questão.

Em todos os aspectos mencionados ao longo deste artigo, vali-me de elementos do próprio romance, deixando em último plano referências externas. E estas, usei-as quando julguei imprescindíveis, como no caso das referências intertextuais. O objetivo desta metodologia era deixar o plano teórico em suspenso, a fim de que aquilo que mais importa ficasse sempre no centro das reflexões, isto é, o texto.

### Referências

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

BOUCINHAS, André Dutra. *O segredo de Escobar*. In: Revista Piauí, junho de 2015.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. SP: Ateliê Editorial, 2018.

TELES, Adriana da Costa. *Machado e Shakespeare: intertextualidades*. SP: Perspectiva, 2017.

FERNANDES, Millôr. *O outro lado de Dom Casmurro*. In: Revista Veja, 26 de janeiro de 2005.

Data de submissão: 15/08/2019. Data de aprovação: 22/10/2019.